

Reluz?

É ouro?

Mas nem assim,

é bom...



Não há dúvida que a ideia de encontrar pepitas de ouro que transformam o indivíduo da noite para o dia em um milionário exerce uma enorme atração sobre milhares de pessoas. Em um cenário de crise econômica, essa tentação cresce e o resultado é visível na ampla distribuição do garimpo na Amazônia. Mas garimpar de sol a sol, procurando ouro, não é um trabalho fácil e já foi o tempo, onde havia garimpeiros solitários, trabalhando por conta própria...

O garimpo na Amazônia hoje é uma indústria que opera majoritariamente de forma ilegal: explora os garimpeiros e exporta e comercializa ouro de forma ilícita. Por exemplo, em junho de 2019, o ouro foi o segundo produto mais exportado por Roraima, mas o curioso é que não havia nenhuma mina de ouro operando legalmente nesse estado. Além disso, não há nenhuma responsabilidade nem pela integridade física dos garimpeiros e da população local, nem pelo enorme dano ambiental causado pela exploração de ouro.

Esse prejuízo ambiental fica para a sociedade brasileira: enquanto alguns poucos enriquecem, o preço é pago por todos nós. Um exame dos diversos danos gerados pela extração ilegal de ouro na Amazônia mostraram que o prejuízo ambiental derivado dessa atividade pode atingir R\$ 3 milhões por quilograma de ouro extraído. Cenários desoladores resultantes da mineração são encontrados em diversos lugares da Amazônia. Áreas abertas,

como grandes chagas na floresta e nos solos. Desastres como Mariana e Brumadinho, ambos no estado de Minas Gerais, dão uma ideia dos riscos e impactos da mineração.

Ainda assim, a mineração avança. Um levantamento feito por organizações da Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela confirmou a existência, em 2018, de pelo menos 2312 pontos e 245 áreas ilegais de garimpo ou extração de minerais, como ouro, diamantes e coltan. Coltan é o nome dado a mistura de dois minerais: columbita e tantalita. Da columbita se extrai o nióbio e da tantalita, o tântalo, minerais envolvidos na fabricação de aparelhos eletrônicos. Além disso, foram mapeados 30 rios afetados pela mineração ou rotas para a entrada de máquinas, insumos e a saída de minerais. No Brasil, foram identificados 321 pontos e 132 áreas de extração no Brasil, principalmente na região do rio Tapajós, no estado do Pará.

Mas há muito mais... a purificação do ouro, parte de seu processo de extração, usa mercúrio. Os resíduos desse mercúrio contaminam a água e o ar. Para o cúmulo do azar dos animais e das populações humanas da Amazônia, o mercúrio tem uma característica conhecida como bioacumulação. Isso quer dizer que ele se acumula ao longo da cadeia alimentar nos tecidos dos animais. Assim, um peixe que se alimenta de peixinhos, será contaminado, mas uma pessoa que come esse

peixe será muito mais afetada. As consequências são graves e os impactos se revelam sobre o sistema nervoso central, causando problemas motores, cognitivos e de visão, bem como doenças cardíacas e outras deficiências. Várias populações indígenas e ribeirinhas já mostram níveis de contaminação alarmantes, como por exemplo os Yanomami da região de Waikás, em Roraima.

O garimpo ilegal também alimenta uma espiral de violência que só tende a crescer, pois a mineração é uma atividade finita. Ou seja, quem não extrair seu minério hoje, pode ficar sem nada amanhã. Isso alimenta um vale-tudo que já deixou um rastro de mortos em todos os lugares do mundo e também na Amazônia. O mais famoso dos casos, talvez, seja o massacre de Haximu, ocorrido em 1993, quando garimpeiros invadiram uma aldeia Yanomami e assassinaram a tiros e golpes de facão 16 indígenas, entre eles idosos, mulheres e crianças.

Não é apenas o ouro que alimenta essa espiral. Estima-se que a extração de coltan, nas florestas do Congo na África, já tenha deixado uma herança de mais de quatro milhões de mortos. A trilha de mortos derivada da extração de diamantes na África é também contada em milhões de pessoas.

Apostar numa riqueza concentrada nas mãos de tão poucos, com prejuízos tão disseminados, ao invés da exploração racional dos

recursos renováveis de uma floresta como a Amazônia é uma estratégia suicida. Os minérios a serem explorados se extinguirão e sobrarão crateras gigantescas, pessoas contaminadas e doentes, poucos ricos e uma região depauperada. Se a aposta for mais estratégica, a floresta pode gerar riqueza de forma mais distribuída e equitativa, com menos impactos, mesmo que haja, paralelamente, de forma controlada e organizada alguma exploração mineral. E de bônus ganhamos menos uns graus de temperatura nos nossos termômetros...